

# Notas para uma leitura do romance *Al Capone le Malien* de Sami Tchak

Marie Silva

Docente no Departamento de Estudos Românicos  
Investigadora no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho  
Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho  
Docente no Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro  
mmanuelle79@gmail.com

A minha contribuição tem como objetivo partilhar algumas hipóteses para uma leitura de *Al Capone le Malien* de Sami Tchak, publicado em 2001 pela Editora Mercure de France, enquanto lugar-palimpsesto onde se sedimentam mapas imperiais e cidades contemporâneas. Proponho encarar o romance como um modo de produção de conhecimento por via da ficção e da “poética dos saberes” (Rancière, 1994), sendo que tece, através do ponto de vista de um narrador europeu, uma rede de identidades ficcionais desencontradas em temporalidades e geografias europeias e africanas reais.

## Sami Tchak, autor da rutura?

Sami Tchak, pseudónimo de Sadamba Tcha-Koura, nasceu em 1960 em Bowounda, no Togo. Em 1986 mudou-se para Paris onde se doutorou em Sociologia em 1993 e adquiriu a nacionalidade francesa. Em 1996 realizou uma investigação em Cuba sobre a prostituição, que deu origem ao ensaio *La prostitution à Cuba*, publicado em 1999 (L'Harmattan), antes de descobrir a literatura da América do Sul, para onde viajou, e que veio a influenciar a sua obra. A produção do autor é constituída por ensaios e romances, alguns dos quais publicados em África (*Femmes infidèles*, Nouvelles Editions Africaines du Togo, 1988; *L'éthnologue et le sage*, Odette Maganga du Gabon, 2013), embora a maior parte dos seus livros tenha sido editada em Paris, nomeadamente pela Gallimard na coleção *Continents noirs* [Continents Negros] e pela Mercure de France.

Sami Tchak não escreve exclusivamente sobre África, embora seja classificado como autor de “literatura africana” ou “francófona”, catego-

rias problemáticas, mas que organizam geralmente o mercado editorial. A obra do escritor foi aliás premiada em 2004, com o Grand prix de littérature d’Afrique noire [Grande prémio de literatura de África negra] e em 2007, recebeu o prémio Ahmadou Kourouma para o livro *Le paradis des chiots* (Mercure de France), se bem que, ironicamente, a ação do romance se situe na América do Sul.

A crítica literária rotulou Sami Tchak como escritor da África sub-saariana, incluindo-o numa geração de autores “filhos da pós-colónia” (Waberi, 1998), que se têm vindo a identificar como “geração da rutura”, dentro das literaturas ditas africanas de língua francesa, geralmente divididas em três grandes grupos. O primeiro grupo é constituído pelas literaturas nacionalistas-panafricanistas cujo autor mais emblemático é Léopold Sédar Senghor (1906-2001); o segundo grupo agrega as literaturas das pós-independências (depois dos anos de 1960); e o terceiro grupo designa as literaturas da rutura e agrupa autores que recusam ser considerados como africanos ou limitar-se a estéticas e discursos relacionados com África. Desde o fim dos anos 1990 estes escritores têm vindo a assumir posicionamentos e projetos literários complexos, onde desfazem e reconstróem origens africanas, construindo personagens ficcionais *not quite*, enquanto *sujeitos* caracterizados por “a difference that is almost the same, but not quite” (Bhabha, 1994, p. 85).

## A “mitologia” de Sami Tchak

A mitologia romanesca de Sami Tchak parece-me poder ser dividida em pelo menos três grandes conjuntos de livros. O primeiro reúne romances que não evocam o continente africano, fortemente influenciados pelos escritores e universos da América do Sul e articulados com os trabalhos do autor enquanto sociólogo. O segundo, à imagem de *Place des fêtes* (Gallimard /Continents noirs, 2001) ou *Hermina* (Gallimard /Continents noirs, 2003), remetem para o que se veio a designar por literatura de imigração, e mais especificamente, para o conceito de “Migritude”, neologismo criado por Chevrier (2004) em referência à “Negritude”, para designar a abordagem literária de temas ligados à comunidade africana de França (Tchak fala de “franceses negros”; “corpos sem pátria” ou “identidades esquizofrénicas” nos seus romances). Outra parte da produção do

autor é composta por uma “forma africana da escrita de si” de Tchak, parafraseando o título de um artigo de Achille Mbembe (2000). Esta expressão tem a vantagem de dar conta da heterogeneidade das posturas e identidades literárias e estéticas configuradas em geografias, histórias, e memórias relacionadas com o continente africano, de que o romance *Al Capone le Malien* me parece exemplar.

### *Al Capone le Malien*

Este romance adota o ponto de vista do narrador jornalista branco francês (René Chérin) durante a realização de uma reportagem para a revista *Geo* sobre o balafão, um instrumento sagrado mandingo, velho de oito séculos, inscrito na lista de património imaterial da humanidade da Unesco. Esta escolha permite ao escritor (que realizou efetivamente a reportagem para *Geo*) adotar a perspectiva do viajante no âmbito das mobilidades modernas, desvinculando-se da problemática identitária africana. O jornalista do romance viaja de Conacri para Niagassola, a aldeia onde se encontra o balafão mágico guardado por Naname Kouyaté, ex-diplomata e professor, mas sobretudo último herdeiro da família dos griots Kouyaté, que a partir do século XIII, serviram os Keita, fundadores do império do Mali (Soundjata Keita reinou entre 1235 e 1255). Os Kouyaté são os guardiões exclusivos do Sosso bala, o outro nome do balafão, instrumento que acompanha a história do rei Soudiata Keita, contada de geração em geração pelos griots e descrita pelos estudiosos como “uma epopeia com tonalidades lendárias, mistura de memórias reais e de motivos do conto; por outras palavras, uma construção literária que evoca a história local parasitada pelo tema universal do herói clássico” (Camara, 1996, p. 768). Namane Kouyaté conta ao jornalista uma parte da história da Guiné Conacri, assumindo-se como voz coletiva da cultura mandinga, mas também como porta voz de milhares de cidadãos guineenses destruídos, espiritual e fisicamente, pelo colonialismo. A personagem, no seu papel de professor e intelectual, também serve o propósito de expressar críticas sobre a própria literatura: “muitos dos nossos escritores africanos, ditos francófonos, produzem caricaturas dos seus países, de África, é muito raro criarem obras densas, complexas, como os autores latino-americanos” (Tchak, 2011, p. 160).

A construção literária de Tchak cria um jogo de espelhos entre memória e história, situado numa encruzilhada identitária que se prolonga até à atualidade. Assim, é durante a mesma reportagem sobre o balafão, que o narrador-jornalista René Chérin descobre Binetou Fall, uma francesa de origem maliana doutorada em literatura africana, que acompanha um grupo de franco-malianos negros, filhos de emigrantes, oriundos dos subúrbios de Paris.

Os jovens, designados por “franceses” pelos habitantes da aldeia e por “franco-malianos” ou “franceses negros” pelo jornalista, são membros de uma associação cujo objetivo é promover o vínculo dos jovens à sua cultura de origem. Chérin testemunha a decepção do grupo, aborrecido pelos discursos e rituais opacos dos hierárquicos mandingos, guardiões de uma tradição invisível, face à falta de monumentalidade do património africano medieval herdado do Império Mali, avaliado a partir dos sistemas de valores dos brancos:

“tratava-se de uma glória caducada, como a glória de todos os impérios (...). Exceto que, em certos casos, as glórias caducadas deixaram rastros à frente dos quais nos inclinamos e que serviram de fio condutor ao presente e ao futuro. É sobre os escombros sólidos dos passados fracassados que se erigem muralhas e grandes sonhos.” (Tchak, 2011, p.94).

Retomando o resgate do herói clássico convocado na citação de Camara, a história, no romance, também é parasitada por um herói, desta vez moderno, na pessoa de um príncipe que chega, numa limusine, à aldeia. Descobrir-se-á que se trata, na realidade, de um escroque camaronês, inspirado numa personagem real, Donatien Koagne, um criminoso famoso conhecido como o “maior burlador financeiro de todos os tempos” e que morreu numa prisão iemenita em 2010. Al Capone o malinense, identidade literária do falso príncipe, constrói o seu reino nos meandros de Bamaco, microcosmo decadente que se move entre dinheiro sujo, champanhe e sexo.

Nestes breves exemplos, a viagem do narrador-jornalista desvenda o desencontro da geografia contemporânea da Guiné Conacri e do Mali com o império mandingo de Soundiata Keita (1190-1255), no século XIII, que constitui a primeira camada do que chamei romance-palimpsesto. Niagas-sola (na Alta Guiné) funciona como pergaminho, ou lugar de memória, e como discurso cujo motivo, o balafão, é simultaneamente resto e rasto, caí-

dos do prestígio do império do Mali sobre o qual se edificou a urbe africana moderna. Outras camadas escrevem-se por cima: a glória do império Mandinga; a história colonial contada pelo professor de história; a história da imigração, representada pelos jovens; o africano, neste caso maliano, corrupto na sua limousine, símbolo das derivas pós-coloniais da maior parte dos países de África. No romance, os modelos espaciais de referência são corroídos e reordenados para produzir novos mapas imaginários, que também são meta-discursos críticos. Os guardiões contemporâneos da tradição mandinga, o príncipe *fake* rodeado de escroques e prostitutas, os “corpos sem pátria” franco-malianos coabitam num universo romanesco que empilha e rearranja histórias, memórias e configurações identitárias, através de processos poéticos inerentes à produção literária em contextos transnacionais e transculturais contemporâneos.

## Bibliografia

- BHABHA, H. (1994). *The location of culture*. Nova Iorque: Routledge.
- CAMARA, S. (1996). La tradition orale en question. *Cahiers d'études africaines*, 36(144), 763-790.
- CHEVRIER, J. (2004). Afrique (s)-sur-Seine: autour de la notion de “migritude”. *Notre librairie*, 155(156), 96-100.
- MSEMBE, A. (2000). *De la postcolonie: Essai sur l'imaginaire politique dans l'Afrique contemporaine*. Paris: Éditions Karthala.
- RANCIERE, J. (1994). Esthétique de la politique et poétique du savoir. *Espaces Temps*, 55-56, 80-87.
- TCHAK, S. (2011). *Al Capone le Malien*, Paris: Mercure de France.
- WABERI, A., (1998). Les enfants de la postcolonie : esquisse d'une nouvelle génération d'écrivains francophones d'Afrique noire. *Notre librairie*, 135, 8-15.